

JUVENTUDE, ESCOLA E MÍDIA: PROBLEMATIZANDO A (IN) ACESSIBILIDADE DAS MÍDIAS PARA A CONSTRUÇÃO CRÍTICA DOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO

Diego Mendonça VIANA¹
Paula Brígido RODRIGUES²
Iago Cavalcante ARAÚJO³
Mauro Michel EL KHOURI⁴
Luciana Lobo MIRANDA⁵
Veriana de Fátima Rodrigues COLAÇO⁶

25

RESUMO: Esse trabalho desenvolveu-se a partir da pesquisa intitulada “Adolescência e Juventude: situação de risco e redes de proteção na cidade de Fortaleza”, enfatizando uma amostra de 100 jovens na faixa etária de 14 a 17 anos, de ambos os sexos e que freqüentam o ensino fundamental e médio em escola pública estadual ou municipal, bem como salas do programa de ensino de jovens e adultos (EJA). Os objetivos consistem em: discutir o conceito de juventude com base no perfil dos jovens das escolas analisadas. Como objetivos específicos, pretendemos: debater, de forma sucinta, a função de formação da escola na contemporaneidade, bem como discutir os usos da mídia na escola, problematizando o acesso à Internet para ressignificar alguns pontos dos processos de ensino-aprendizagem. O trabalho empírico foi realizado através de questionários aplicados coletivamente. A análise dos dados foi de caráter quantitativo-qualitativo, refinando o banco de dados para ter acesso ao perfil sócio-demográfico, o perfil de atividades que tinham maiores e menores interesses e, por fim, um perfil dos usos da mídia (ênfase para o uso da Internet). Concluímos que as mídias tem uma presença massiva no lazer dos jovens e que estes possuem dificuldades de acesso à internet em território escolar, embora a escola demande seu uso para trabalhos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Escola. Mídia. Internet.

Introdução

¹ Graduando em Psicologia. UFC – Universidade Federal do Ceará. Ceará – CE – Brasil. 60020-181. diegomendoncaviana@gmail.com

² Bolsista PIBIC. UFC – Universidade Federal do Ceará. Ceará – CE – Brasil. 60020-181. paula_brigido@yahoo.com.br

³ Bolsista CNPq. UFC – Universidade Federal do Ceará. Ceará - CE – Brasil. 60020-181. iagopsi@gmail.com

⁴ Bolsista Projeto de Educação Tutorial (PET). UFC – Universidade Federal do Ceará. Ceará – CE – Brasil. 60020-181. maurokhouri@gmail.com

⁵ UFC – Universidade Federal do Ceará - Departamento de Psicologia. Ceará – CE – Brasil. 60020-181. lobo.lu@uol.com.br

⁶UFC – Universidade Federal do Ceará – Departamento de Psicologia. Ceará – CE – Brasil. 60020-181. verianac@uol.com.br

O trabalho em questão é fruto da pesquisa quantitativa *Adolescência e Juventude: Situação de Risco e Redes de Proteção na cidade de Fortaleza*, oriunda de uma parceria com o Projeto de Apoio e Articulação entre Grupos de Pesquisa do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de acordo com o edital nº 16/2008 “Casadinho” do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No presente trabalho será dada ênfase nos aspectos ligados ao uso e apropriação da mídia por jovens entre 14 e 17 anos, estudantes de escola pública da cidade de Fortaleza.

Os objetivos desta produção consistem em, de forma geral: discutir o conceito de juventude e relacionar com o perfil dos jovens das escolas analisadas (discutindo pontos de convergência e divergência pertinentes). Como objetivos específicos, pretendemos: debater, de forma sucinta, a função de formação da escola na contemporaneidade em face ao que observamos nos dados da pesquisa, bem como discutir os possíveis usos da mídia na escola, problematizando o acesso à Internet como um aspecto interessante para ressignificar alguns pontos dos processos de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Utilizamos como recorte do banco de dados, uma amostra de 100 jovens entre 14 e 17 anos de idade, com uma média de idade de 14,86 anos, de ambos os sexos, sendo 45 do sexo masculino e 55 do sexo feminino e com nível sócio-econômico baixo. Estes jovens são estudantes do Ensino Fundamental II de cinco escolas da rede pública de ensino, municipal e estadual, abrangendo as regionais II, IV, V e VI do município de Fortaleza⁷.

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes do estudo realizado foram assegurados por legislações brasileiras, tendo como base a Resolução nº 196, que consiste em diretrizes e normas que regulam as pesquisas com os seres humanos (Ministério da Saúde, 1996) e na Resolução nº 016 do Conselho Federal de

⁷ O Município de Fortaleza (CE) está subdividido em seis Secretarias Executivas Regionais (costumeiramente chamadas de Regionais), as SERs. Cada secretaria auxilia a Prefeitura Municipal para entendimento e resolução das questões específicas locais. Uma Regional é composta por vários bairros próximos. No caso do deste trabalho, as escolas analisadas pertencem às Regionais II, IV, V e VI.

Psicologia (CFP, 2000). O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) também serviu de diretriz para a realização da pesquisa e para seus encaminhamentos. Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos responsáveis, pois os sujeitos eram menores de idade, foi garantido o sigilo das informações pessoais.

O questionário era composto por setenta e nove (79) questões, sendo a maioria de caráter objetivo, que versavam, dentre outras temáticas, sobre o perfil socio-demográfico, família, trabalho, drogas, sexualidade, violência, saúde, educação e usos da mídia. Como recorte deste trabalho, foi dado maior enfoque ao debate dos usos da mídia no território escolar, investigando de que forma os jovens vem se apropriando desta ferramenta.

A aplicação dos questionários se deu de forma coletiva, em sala de aula, com a presença de pelo menos dois pesquisadores por turma para auxiliar em qualquer dificuldade na realização da atividade. Embora não tivéssemos determinado um limite de tempo para conclusão, em média, os estudantes utilizavam uma hora e trinta minutos para responder todas as questões.

Após a aplicação dos questionários, os dados obtidos foram tabulados no software aplicativo *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), especializado em pesquisas estatísticas em Ciências Sociais, para facilitar as análises e correlações necessárias para embasar a pesquisa. Para analisar os dados necessários a esta produção, foi utilizado parte desse banco de dados, através da limpeza do perfil e das questões relevantes para os objetivos do presente trabalho, realizando análises e correlações a partir das ferramentas disponíveis no programa.

A análise do banco de dados foi refinada para que pudéssemos ter acesso ao perfil sócio-demográfico (composto, dentre outros fatores por etnia, idade, escolaridade, renda familiar e o que possuem nas residências), indicativo de atividades que tinham maiores e menores interesses (por exemplo, o que fazem nas horas de lazer) e, por fim, um perfil dos usos da mídia (com atenção especial para o uso da Internet) pelo grupo de jovens que pretendemos investigar.

Vale ressaltar que, mesmo partindo de dados dos questionários que aplicamos nas escolas supracitadas, temos o posicionamento metodológico e político de que os dados deste trabalho não foram “coletados” no campo. Muito pelo contrário, ao analisá-los, estamos não apenas construindo-os, mas também reconstruindo-os. Também não pretendemos, de forma alguma, assumir uma postura de neutralidade na investigação, por entendermos que o ato de comparecermos nas instituições que nos receberam já

constitui uma intervenção importante e que os recortes que fazemos neste trabalho são já, em si, posicionamentos fundamentais que não possuem nenhuma neutralidade e, a respeito de tal questão, consideramos interessante tal interferência em face de nossa aproximação com referencial da pesquisa-intervenção⁸:

A pesquisa afirma, assim, seu caráter desarticulador das práticas e dos discursos instituídos, inclusive os produzidos como científicos, substituindo-se a fórmula “conhecer para transformar” por “transformar para conhecer” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p.66).

Nesse sentido, partimos de dados, oriundos de um instrumento e de um processo quantitativo, como elementos disparadores de questões que queremos discutir e rever. Entendemos que uma pesquisa com aspectos quantitativos e qualitativos, no seu corpo de análise, fornece muitas ferramentas interessantes para desarticulação de discursos instituídos sobre o que é ser jovem, sobre o que é a escola e pra que serve a mídia. Partindo dos elementos quantitativos, buscamos acrescentar um debate qualitativo com o intuito de, em vez de trabalhar com a perspectiva do *que é*, pensar na alternativa do *que pode* o jovem, do *que pode* a escola e do *que pode* a mídia.

Perfil do grupo analisado

Segundo os dados obtidos na aplicação coletiva do questionário, evidenciamos o seguinte perfil sócio-demográfico dos jovens pesquisados: 68,7% da amostra declarou-se de cor parda, 18,2% de cor branca, (8,1%) de cor negra, (3%) de cor amarela e (2%) declarou-se indígena. A média de habitantes por residência é de 5 pessoas. E 67% afirmaram não terem conhecimento da renda mensal da família. Apesar do desconhecimento da renda familiar por uma parcela considerável dos jovens, 55,6% declararam ser beneficiados com alguma Bolsa-Auxílio. Desses, 94% recebem o Bolsa Família⁹.

⁸ Embora este trabalho não seja, em si, uma pesquisa-intervenção, temos este referencial teórico como horizonte de nossas ações e a pesquisa *Adolescência e Juventude: Situação de Risco e Redes de Proteção na cidade de Fortaleza*, que serviu de base para esta produção, objetiva contribuir com orientações pra reelaboração de políticas públicas para a juventude, contribuindo assim, com os campos que nos auxiliaram neste esforço investigativo.

⁹ Bolsa Família: programa de inclusão social do Governo Federal que visa à transferência de renda para a população considerada mais vulnerável do ponto de vista socioeconômico, sendo que a contrapartida dos beneficiários do programa é a participação regular em políticas públicas consideradas estratégicas como a

Quanto aos itens contidos na casa, 98,1% afirmaram ter televisão a cores, enquanto que 96% disseram ter geladeira, remetendo aos dados obtidos em pesquisas recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), nas quais se afirma a existência maior de televisão nas residências do que mesmo itens básicos como geladeira.

Com relação aos indicadores de atividade de maior e de menor interesse, notamos que a atual pesquisa apontou como atividades de lazer mais praticadas dentre os jovens o ato de assistir televisão (86,6%) e navegar na Internet (68%), enquanto que jogar/brincar surgiu em sétimo lugar com 52,6% e ir ao cinema ou teatro apareceu em décimo primeiro lugar com 32%. Podemos constatar que as mídias possuem um expressivo lugar como espaço de lazer para os jovens. Com relação ao uso de mídias e meios de comunicação, percebe-se que 62,6% afirma ter celular pré-pago, enquanto que 52,5% alega ter acesso à Internet. Dentre estes últimos, 65,7% têm acesso na *lan house / cyber*¹⁰, 22,2% acessam a Internet em casa e apenas 8,2% acessam na escola. Apesar do acesso restrito na escola, 87,9% dos jovens pesquisados utilizam a Internet para realizar trabalhos de cunho educativos, exigidos pela própria escola, ou seja, a escola demanda a pesquisa de trabalhos na Internet, porém não oferta esse serviço aberto aos alunos. 82,8% afirmaram utilizar a Internet também para se comunicar, através de endereços eletrônicos, *sites* de relacionamento e programas de interação e conversa em tempo real.

Quanto à produção de mídia, 51,6% alegaram produzir pelo menos um tipo de mídia, sendo o mais freqüente o vídeo com 36,6%, seguido de jornais e revistas com 19,8%. Com relação à produção de mídia na escola, a presença maior é através do engajamento na confecção de jornais e/ou revistas (93,8%).

Discussão dos dados

manutenção das crianças na escola, participação dos programas de acompanhamento da saúde da família e outras iniciativas.

¹⁰ De acordo com Murilo (2008), uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet em 2005, revela que 17,59% dos acessos à Internet por brasileiros eram feitos através de *lan houses* e, em 2007, esse número chega a 49%, significando que dentre todos os acessos à Internet no Brasil, quase metade deles é feito em *lan houses*. Essas pesquisas atestam a importância desses estabelecimentos como fator relevante de acessibilidade para as classes populares no Brasil e como um dispositivo que viabiliza a inserção da Internet no cotidiano das pessoas. Além disso, a pesquisa nos possibilita compreender que espaço a Internet ocupa na vida do brasileiro nos dias de hoje, especialmente o jovem – assíduo freqüentador de *lan houses*.

O primeiro dos aspectos a ser debatido em função dos dados apresentados diz respeito ao perfil sócio-demográfico dos jovens. Retomando os dados, temos que os jovens se declararam da seguinte forma com relação à cor/etnia: parda (68,7%), branca (18,2%), negra (8,1%), Amarela (3%), indígena (2%). Sem entrar em maiores discussões sobre etnia, é interessante notar que muitos jovens se declararam como pardos seguidos de um número menor dos que se declararam brancos, negros, amarelos e indígenas (mesmo somando os percentuais destes últimos não chega a fazer frente ao número dos que se declararam pardos). Isso é um dado interessante, pois muitos dos jovens se reconhecem, de certa forma, como miscigenados, não havendo homogeneidade de etnias, ou polarizações étnicas na amostra. Outros dados interessantes dizem respeito ao fato de os jovens morarem em uma residência com um número médio de cinco pessoas, bem como uma parcela considerável da amostra diz desconhecer a renda familiar mensal (67%). Ressalta-se, ainda, que mais da metade dos jovens possuem algum benefício social (55,6%) e, desta parcela, (94%) fazem parte do programa Bolsa Família. Articulando estes dados sócio-demográficos, evidenciamos que a juventude de que estamos falando pertence predominantemente aos seguimentos de baixa renda, pois participam de programas governamentais de transferência de renda em número considerável.

É interessante notar que a juventude que não pertence aos seguimentos abastados da sociedade possui espaço de visibilidade na mídia com destaque nos noticiários policiais (sempre vinculados ao crime, à desestruturação familiar, bem como à drogadição), havendo poucas oportunidades de escapar a esse estigma. A juventude tida como o modelo vigente na contemporaneidade é, muitas vezes, mostrada na mídia como sendo branca, intimamente ligada a um padrão alto de consumo de bens supérfluos e modismos, usuária dos serviços privados (em especial de saúde e de educação), bem como sem muitas obrigações domésticas e sem maiores responsabilidades cotidianas. Os jovens da amostra desse trabalho, por vezes, precisam trabalhar para complementar a renda familiar ou assumir algumas responsabilidades domésticas para que os pais ou responsáveis possa trabalhar. Alguns questionamentos fundamentais deste trabalho surgem aqui: que jovem é esse que a mídia veicula como sendo o modelo de juventude? Que valores estão sustentando esse ideal e juventude que parece não ser compatível com os jovens que colaboraram neste trabalho? Vale salientar que esse estereótipo de juventude da fruição nem sempre fez parte da nossa história recente e nem mesmo o conceito de juventude existia em determinados períodos como podemos notar a seguir:

[...] o século XVIII é o momento histórico privilegiado da Juventude, representada, em especial, pela idéia de força, virilidade. Podemos compreender que em um século marcado por grandes revoluções, o jovem, o novo, seja o personagem principal. Devemos ressaltar também o fato de que este enaltecimento da juventude inicia uma nova cisão na designação “**enfant**”, que indiferencia a infância de adolescência. O processo de diferenciação se complexifica no século XIX, com o surgimento de diversos desdobramentos lingüísticos para designar a primeira infância. (ARIÈS, 1981 apud SANTOS, 1994, p.36, grifo do autor).

Ora, a juventude é uma denominação conceitual histórica e é criada com determinados ideais de existência, sendo eles a **virilidade** e o **novo**. Se observarmos um pouco atentamente, esses ideais de juventude foram concebidos no século XVIII, época em que a burguesia ganhava cada vez mais espaço e criava suas condutas e valores sociais. Essa “pintura” de uma juventude burguesa, que precisa ser enaltecida de certa forma é a base dos conceitos idealizados de juventude que a mídia vem propagando há um tempo.

Diante do exposto e, relacionando com os dados da amostra, nota-se que uma parcela considerável da juventude deste estudo não é predominantemente branca, mora com muitas pessoas e provavelmente deve ter alguma responsabilidade a cumprir, seja nos trabalhos domésticos ou ajudando financeiramente a família com algum trabalho. Sendo essa juventude dissonante do modelo de juventude criada pelos movimentos burgueses dos séculos XVIII e XIX e desdobrados por determinados setores da mídia na contemporaneidade.

Nota-se que o aparelho de televisão é um item importante na vida destes jovens pesquisados, pois 98,1% afirmam ter o equipamento (superando o número de eletrodomésticos básicos em residências como a geladeira), bem como 86,6% declararam assistir nos seus momentos de lazer. Sabe-se que a televisão possui uma penetração considerável nos domicílios brasileiros, contudo o que também chama atenção é que 68% declararam acessar (navegar) a Internet para diversos fins. Apesar de a televisão ocupar o topo das preferências de mídia na cultura nacional, o número de acessos a rede mundial de computadores não deixa de ser expressivo, principalmente se compararmos com outras atividades como brincar/jogar (52,6%) que, de certa forma, faz parte do cotidiano da infância e da juventude.

Desenvolvendo a temática do acesso à Internet, podemos notar que esta forma de mídia, na contemporaneidade, vem sendo uma das formas mais acessíveis para o lazer e

uma das mais funcionais quanto à comunicação entre os sujeitos. Se compararmos o uso da rede mundial (68%) em relação ao acesso ao teatro ou cinema (32%), temos uma distância de acesso enorme, pois podemos destacar que o acesso aos espetáculos cênicos e às sessões de cinema tem se configurado como muito caros nas grande metrópoles, dificultando assim o interesse por tais atividades culturais que antes eram bem mais próximas do público jovem. Nesse sentido, acessar a Internet aparece como uma prática predominante nas horas de lazer (68%), mas apenas 26,5% possui computador em casa para acessar. Essa discrepância evidencia o fato de que os jovens têm procurado outros locais para acessar a rede, como *lan house/cyber* ou até mesmo na escola. Esta forma de mídia tem sido bastante atrativa e pode sim se configurar como uma ferramenta poderosa de educação e discussão de seus usos (e desusos) na sociedade. Outros estudos mostram que as diferenças de poder aquisitivo entre os jovens e a dificuldade de acesso a bens culturais favorece uma maior procura pela escola para acessar às mídias:

Essa diferença pode indicar que, para jovens, de menor renda, a questão do acesso a atividades que envolvem maior poder aquisitivo se torna difícil, sendo a escola um local mais valorizado por possibilitar acesso a recursos que não teriam em suas residências. Já para os jovens de maior renda, observa-se o acesso a um maior número de atividades culturais recreativas além da escola. (MARQUES; DELL'AGLIO; SARRIERA, 2009, p.97).

Ora, percebe-se que a escola tem se configurado local privilegiado de acesso a atividades recreativas, culturais e de expressão por meio das mídias (dentre elas o acesso à Internet). Tudo leva a crer que o ambiente escolar se configura como o ambiente em que a juventude pode ter acesso a recursos e pode usufruir destes para os mais diversos fins, inclusive pedagógicos. No entanto, outro dado curioso aparece na análise de dados deste trabalho: dos jovens que declaram expressivamente navegar na Internet, apenas 8,2% diz acessar na escola.

Tal constatação é interessante, pois a escola parece ser um local propício pra acesso às mídias por jovens de baixa renda e, no entanto, é o local onde os jovens menos acessam. Outro dado curioso é que os jovens (87,9%) declaram que, quando acessam a rede mundial, o fazem para pesquisa e realização de trabalhos de cunho educativo (muitos deles exigidos pela própria escola). Ou seja, a escola produz demanda de atividades para os jovens; estes, por sua vez, usam como fonte de pesquisa a Internet

e, contraditoriamente, a escola que demanda tais atividades é o local onde menos se acessa.

Interessante notar, também, que o governo tem investido para equipar as escolas com computadores e sistema de acesso à Internet nos laboratórios de informática com o intuito de incrementar as práticas educacionais como nos mostra o programa abaixo:

O ProInfo é desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância (SEED), por meio do Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica (DITEC), em parceria com as Secretarias de Educação Estaduais e Municipais. O programa funciona de forma descentralizada, sendo que em cada Unidade da Federação existe uma Coordenação Estadual do ProInfo, cuja atribuição principal é a de introduzir o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas da rede pública, além de articular as atividades desenvolvidas sob sua jurisdição, em especial as ações dos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs). (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, notamos que há incentivo para que haja laboratórios de informática nas escolas e, em nossas visitas às escolas para realização da pesquisa, constatamos que existe sim a infra-estrutura, no entanto o acesso é bastante limitado. Fato este que pode ser a razão de outro dado que aparece nos questionários analisados: 65,7% dos jovens têm acesso à rede na *lan house/cyber*. Ou seja, em face à dificuldade do acesso na escola, os jovens têm preferido o uso de estabelecimentos comerciais que oferecem acesso à Internet a baixo custo (geralmente R\$1,00 por hora). Percebemos que o jovem somente pode usar o laboratório de informática da escola nos horários em que há aula de informática (que já possui atividades prévias a serem realizadas) ou em horários alternativos e com restrição do uso em função do horário de funcionamento da escola e das limitações dos equipamentos disponíveis. A respeito das limitações de acesso, pode-se pensar que:

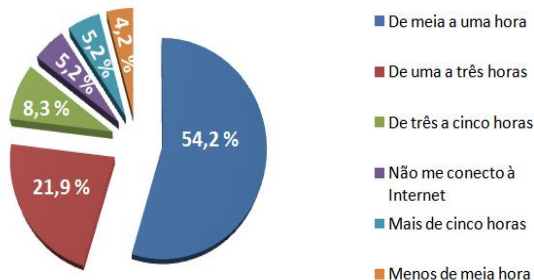
A entrada da TV ou qualquer outra mídia na escola também deve servir para que ela possa repensar suas práticas cotidianas, seus saberes/poderes instituídos. Para que isto ocorra não basta fornecer apenas a infra-estrutura. A transformação da informação em conhecimento, a possibilidade de inserção de práticas expressivas e criativas não podem se restringir a um horário semanal, com a inserção de uma nova disciplina na escola. (MIRANDA, 2007, p.203).

Diante de tal inacessibilidade na escola, o jovem precisa pagar para usar a Internet e os dados de acesso são bem denotativos, pois o maior índice de acesso é no

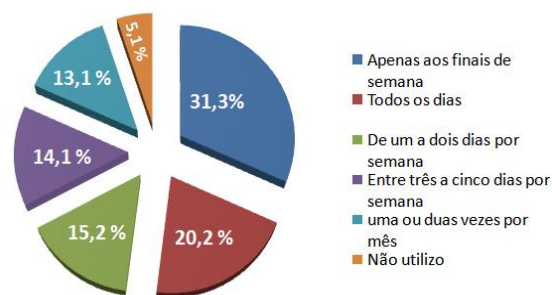
fim de semana (31,3%) e o tempo médio de permanência (54,2%) é de meia a uma hora conectado como podemos notar nos respectivos gráficos abaixo:

Figura 1: Tempo médio de permanência conectado e frequência de utilização da internet.

Em média, quando você se conecta, quanto tempo fica conectado:



Com que frequência você utiliza a Internet:



Fonte: Colaço et al. (2011, p.102-104).

O uso aos fins de semana e o tempo reduzido conectado são expressivos da dificuldade e das limitações de se usar os serviços nas *lan houses/cyber*, uma vez que durante a semana o acesso na escola é dificultado, restando o fim de semana para acessar em outros lugares (afinal a escola não funciona nos fins de semana) e o preço da hora de acesso acaba sendo um empecilho para permanência por mais tempo. A respeito desta dificuldade de utilização dos recursos da escola pela juventude, notamos que a aquela tem se configurado mais como uma instituição repulsora de convivência e de possibilidades de criação crítica por meio de utilização das novas mídias como a Internet e que, tal postura burocrática, tem reforçado a ideia da instituição escolar como um lugar desinteressante, onde os alunos têm obrigação de permanecer até o final da aula. Com um cotidiano engessado em práticas desinteressantes e burocratizadas para professores e alunos, torna-se complicado pensar como os jovens podem aprender e melhorar suas estratégias de construção de conhecimento se a própria escola não facilita processos de pesquisa nas suas dependências, bem como são poucas as possibilidades de uso da mídia nos processos de ensino-aprendizagem.

Estudos anteriores afirmam a dificuldade na relação da escola com a mídia em tentar manter a sua centralidade no processo formativo de crianças e jovens. Contra a

cultura hedonista que privilegia a efemeridade e a felicidade imediata atrelada ao consumo, que conforme foi visto tem a juventude *teen* como porta voz, a escola muitas vezes não sabe como fazer um uso qualificado da mídia e tende a rechaçá-la:

De um lado a escola, *locus* tradicional de transmissão de saber voltado ao passado, guiado pela lógica da razão, da durabilidade, do sujeito cidadão, do *telos*. De outro, a mídia, cujo conteúdo, na maioria das vezes, é voltado para a atualidade, para a promoção do impacto e do emocional, para a velocidade, para o sujeito consumidor, para o privilégio do agora e do efêmero (VIVARTA, 2004). Diante deste “quadro”, como estabelecer um diálogo entre os discursos midiático e o educacional? (MIRANDA; SAMPAIO; LIMA, 2009, p.92).

Na amostra analisada, evidenciou-se que, quando os jovens fazem uso de alguma mídia na escola, a participação no jornal ou na revista escolar aparece como predominante (93,8%). Sem desmerecer a participação nos jornais escolares para o desenvolvimento de criticidade, melhoria da escrita e da comunicação na escola, percebe-se que as escolas têm privilegiado determinados tipos de mídia em detrimento de outras. O jornal da escola possui um lugar instituído e tradicional no ambiente escolar (inclusive retratado na mídia em filmes e séries televisivas) e, comparando com o usufruto da Internet, os jovens não possuem tanto incentivo para construir um *blog* com os colegas, em virtude do acesso à Internet já ser reduzido para tarefas mais urgentes como pesquisar os trabalhos escolares. Além do jornal (mídia impressa), que outras mídias possuem espaço na escola? Será que a escola tem sido uma instituição que tem pensado a sociedade e tem aberto espaço para o jovem pensar a si mesmo por meio das mídias? Ou a escola ainda está enclausurada no modelo em que é um lugar onde as pessoas vão para aprender processos formais e internalizar as condutas estabelecidas? A respeito de uma revisão dos modelos estabelecidos de escola temos que:

A Educação e, mais apropriadamente, a Escola, teria a utilidade de “fazer a cabeça” dos que a freqüentam, criando disciplina e um sistema meritocrático de avaliação; para melhor controle, a Escola foi invadida por uma hierarquia assemelhada a do setor industrial, com diretores, supervisores, coordenadores, inspetores, assistentes etc. (CORTELLA, 2009, p.113).

Ora, se a escola não está muito longe de uma organização industrial em termos de hierarquia e rotinas, fica bastante complicado pensar como os jovens que fazem parte desta instituição formadora vão ter acesso a outros recursos que não seja a sala de aula

para sua formação. Há muitas reclamações, por parte dos professores e demais profissionais da educação, de que os jovens estão sentindo cada vez mais dificuldade de aprendizado de conteúdos elementares, que as leituras no cotidiano dos jovens são insipientes, bem como que não há pensamento crítico na construção do conhecimento por parte da juventude. Ora, não seria o caso de trazer essas práticas de usufruto da Internet para perto das discussões pedagógicas? Os jovens lêem bastante na Internet, escrevem muito nos *chats*, por meio de e-mails e outras formas de debates como fóruns virtuais. Talvez se possa questionar a qualidade do que é lido ou escrito, contudo fica a pergunta: por que a escola não traz essas práticas de expressão na Internet para a sala de aula? Seria possível debater, dentre outros temas, textualidade, as novas linguagens do “mundo virtual” criadas pelos usuários, os valores envolvidos nas discussões travadas nas redes sociais ou nos fóruns temáticos. Se os jovens dizem que usam e se expressam pela Internet, faz-se necessário uma maior abertura da escola para esta mídia e, desta forma aproximar de maneira mais transdisciplinar os conteúdos vistos em sala de aula com o cotidiano da juventude. Nesse sentido, é importante pensar que:

A escola, como as demais organizações sociais, não vive só com problemas de aprendizagem pedagógica, ou, estes problemas estão cada vez mais intrincados com a complexidade da vida contemporânea, com os desafios como a violência, o desemprego, o excesso de população e a velocidade midiática – questões que requerem novas análises e que, abordadas de modo transdisciplinar, para além das divisões entre saberes e práticas, podem redimensionar as problemáticas educacionais (ROCHA, 1999 apud MIRANDA, 2007, p.202).

Se a escola pretende refletir seus problemas pedagógicos de forma mais abrangente, seria interessante tornar-se uma instituição menos isolada dos debates complexos que envolvem tais dificuldades de aprendizado ou de convivência entre os pares que a compõem como instituição. Uma reflexão que este trabalho deseja instigar consiste em afirmar que é fundamental uma maior abertura da escola para que os jovens possam fazer uso da mídia, dentro dos processos de ensino-aprendizagem, de modo a contribuir para uma educação de fato mais inclusiva e participativa, qualificando o seu uso. Na presente pesquisa, as escolas envolvidas não têm acompanhado tal processo e, muito pelo contrário, parece terem dificultado o acesso no local onde, por excelência, deveriam ser disponibilizadas tais mídias como a Internet.

Considerações finais

Este trabalho permitiu conhecer um pouco mais a respeito dos jovens e do seu cotidiano no município de Fortaleza. Sabemos que a amostra quantitativa é bem restrita, no entanto esta produção não pretende estabelecer uma representatividade quantitativa de suas conclusões, muito pelo contrário, tentamos partir dos dados quantitativos para levantar questionamentos acerca de conceitos muito em voga na contemporaneidade como *juventude, escola e mídia*.

Percebemos que os jovens que contribuíram para a pesquisa de onde partiu esse trabalho não se encaixam nos padrões vigentes de juventude veiculados pela mídia e que precisam assumir outras posturas em seu cotidiano que destoam do ideal de jovens da fruição e das irresponsabilidades. Tal padrão de juventude foi construído por valores sociais da burguesia nos séculos XVIII e XIX e, hoje, ainda persistem em determinados segmentos de juventude, em especial nas classes sociais mais abastadas. No entanto, os jovens que conhecemos convivem com outras realidades (com limitação de renda e de acesso a cultura), outras percepções étnicas (se reconhecem como mestiços, diferentes da juventude branca elitizada) e com outras responsabilidades (trabalhar para ajudar em casa é um exemplo).

Os jovens aqui tratados possuem dificuldades de acesso às mídias como a Internet. E a escola tem sido uma das barreiras a esse acesso em função da dificuldade imposta pela rotina burocrática para utilização dos computadores, por exemplo. Concluimos que não basta haver os recursos materiais na escola para que haja inclusão digital ou uso crítico das mídias, mas sim é necessária uma integração entre os usos das mídias (em especial os usos feitos no cotidiano dos jovens) e os conteúdos vistos em sala de aula. Tal articulação tende a contribuir de forma positiva para a resolução de muitos problemas dos processos de ensino-aprendizagem na escola. Sabemos que esta integração não é fácil, principalmente porque a escola ainda mantém cristalizadas muitas de suas práticas, contudo os dados da pesquisa alertam que é preciso repensar a abertura da escola para estas novas demandas de juventude.

YOUTH, SCHOOL AND MEDIA: DISCUSSING THE (IN) ACCESSIBILITY OF MEDIA TO THE CRITIC CONSTRUCTION OF TEACHING-LEARNING PROCESS IN THE PUBLIC EDUCATION SYSTEM

ABSTRACT: *This work was developed from the survey entitled "Adolescence and Youth: risk situation and safety nets in the city of Fortaleza", emphasizing a sample of 100 youths, aged 14 to 17 years, of both sexes, attending the primary and secondary public schools, in state or municipal, as well as rooms of the teaching program for young people and adults (TYA). The objectives are: discuss the concept of youth based on the profile of young people in schools analyzed. Specific objectives: discuss, briefly, the function of training school in the present, as well the uses of media in school, discussing the Internet access to modify some points of the teaching-learning processes. The empirical work was conducted through questionnaires administered collectively. Data analysis was qualitative-quantitative, refining the database to find the socio-demographic profile, the profile of activities that had major and minor interests and, finally, a profile of media use (emphasis on the Internet usage). We conclude that the media has a massive presence in the leisure of young people and that they have difficulties to access the Internet on school territory, although the school demands the use of media for school works.*

KEYWORDS: *Youth. School. Media. Internet.*

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação a Distância. **ProInfo - Programa Nacional de Informática na Educação**. Brasília: Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica, 2010. Disponível em: <<http://www.inclusaodigital.gov.br/links-outros-programas/proinfo-programa-nacional-de-informatica-na-educacao/>>. Acesso em: 28 ago. 2010.

COLAÇO et al. **Adolescência e juventude:** estudo sobre situações de risco e redes de proteção em Fortaleza. 2011. 204f. Relatório de pesquisa, Fortaleza, 2011. Não publicado.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2009.

MARQUES, L. F.; DELL'AGLIO, D. D.; SARRIERA, J. S. O tempo livre na juventude brasileira. In: LIBÓRIO, R. M. C.; KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e juventude:** risco e proteção na na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p.79-106.

MIRANDA, L. L. Reflexões sobre educação, pós-mídia e produção de subjetividade no contexto escolar. In: MARCONDES, A; FERNANDES, A; ROCHA, M. da (Org.). **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.185-206.

MIRANDA, L. L.; SAMPAIO, I. S. V.; LIMA, T. R. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v.30, n.51, p.89-112, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/855/906>>. Acesso em: 28 ago. 2010.

MURILO, J. **Lan houses, cyber cafés e comunidades**. Portal da Cultura, 16 out. 2008. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/10/16/lan-houses-cyber-cafes-e-comunidades/>>. Acesso em: 28 ago. 2010.

ROCHA, M. L. da; AGUIAR, K. F. de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.23, n.04, p.64-73, 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2010.

SANTOS, C. M. A. dos. Crianças e adolescentes: uma questão de visibilidade. In: NÚCLEO CEARENSE DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A CRIANÇA. **Infância e adolescência em discussão**. Fortaleza: UFC, 1994. p.31-42.